

Prefácio

O futebol como filosofia¹

Roberto DaMatta

O jogo é um modelo da vida. Ele exige temporadas, palcos e equipamentos (mesas, baralhos, dados, roletas, bolas, uniformes, redes, tacos e regras) de modo a garantir uma remoção do cotidiano e uma consequente sacralização que lhe assegura devoção, atenciosa e apaixonada.

Tendo início, meio e fim, o jogo é um aliado contra a indiferença da vida. Os esportes fazem com que meros viventes se transformem em superpessoas – pobres viram ricos e negros e mulatos segregados tornam-se supercraques. Os jogos esportivos são uma das passagens secretas que permitem escapar de nós mesmos.

Dentre os esportes modernos, o futebol praticado no Brasil é certamente o mais denso. Simoni Lahud Guedes, uma estudiosa pioneira do futebol, sugere que ele seria uma tela sobre a qual projetamos nossas indagações.

Nascido na Inglaterra Vitoriana e Industrial dos anos 1860, o futebol ganhou regras fixas e, desde então, tem sido o sujeito predileto de intensas projeções simbólicas em todo o planeta. É um esporte de tempo fixo, em oposição ao aristocrático *cricket* que, como o antigo *volleyball*, era marcado por pontos.

¹ Conferência pronunciada no III Colóquio Internacional INCT de Futebol, em Portugal, em 29 de setembro de 2025.

No Brasil, o futebol despertou reações. Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora e da poderosa Inglaterra, era uma atividade desconhecida. Um “esporte” que demandava rotinas desconhecidas disciplinadas e exigia novos espaços, temporalidades, comportamentos e objetos. Acima de tudo, o futebol focava o corpo. Esse corpo cuja energia e ação era apropriado para escravos negros.

O aparecimento de um jogo de pé na bola em uma sociedade que só conhecia balões juninos e suas disputas físicas entre brancos eram inibidas (não havia duelos no Brasil) – onde colocar essa inovação marcada pela disputa física veloz e igualitária, na qual perder e ganhar eram parte de sua estrutura? Onde encontrar um lugar para um jogo livre das restrições aristocráticas do nome de família, da cor da pele, e da “aparência”. Esse marco com o qual convivemos até hoje no Brasil?

E o mais extraordinário é que essa bola era um objeto dotado da inércia dos objetos culturalmente definidos, mas, por ser o objeto mediador da disputa, ganhava uma perturbadora vida própria. A bola, claro, é feminina. Na sua versão norte-americana, porém, ela é uma bala e, ao contrário da nossa bola, é jogada com a mão e assim é atirada, debaixo de um controle superlativo, como a bala de tiro de fuzil.

A bola, em suma, corria e ainda corre mais do que os jogadores. Ela é um poderoso símbolo de excelência e virtuosismo que não havia no futebol dos outros países, conforme testemunhei quando assisti, em 1950, ao jogo do Brasil contra a Iugoslávia em um Maracanã recém-construído. Os europeus e o seu futebol formavam coletivos de “pernas de pau”, porque não tinham a necessária capacidade ou gosto amoroso para controlar a bola redonda, quicante e voluntariosa que parece amar alguns mais do que outros.

Creio que essa relação com a bola é um ponto-chave que distinguia o nosso futebol daquele jogado em outros países, sobretudo o futebol dos “brincalhões” europeus. Eles jogavam bola, usando-a como um elo que associava os jogadores amigos. No Brasil, porém, nossos craques “comiam a bola” em uma conotação obviamente canibal e sensual.

Foi, sem dúvida, a relação com a bola que acabou sendo o traço distintivo do nosso estilo de praticar futebol.

Hoje, há um estilo brasileiro de jogar e produzir esse esporte. De quinta coluna capaz de desvirtuar, ao lado da música e do cinema americanos, o estilo de vida e a língua pátria (como diziam seus críticos, entre os quais Lima Barreto), o futebol tornou-se um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil, conforme assinalai no livro, *Universo do futebol*, no qual, em 1982, agrupei um conjunto de ensaios socioantropológicos de colegas sobre esse esporte. Em 2006, no livro *A bola corre mais que os homens*, reuni trabalhos nos quais apresentava uma saída para o dilema do esporte como alienação insistindo como, no Brasil, o sucesso futebolístico foi o nosso primeiro instrumento de autoestima diante dos países “adiantados” e inatingíveis. O futebol foi uma prova cabal e pública de que éramos capazes de dominar uma “arte” inventada e praticada nos países que eram brancos, puros, civilizados, honestos e – por isso mesmo – impossíveis de serem imitados.

A excelência futebolística foi o alento de um Brasil que se concebia como doente pela mistura de raças e que, até hoje, tem problemas em conviver consigo mesmo. O futebol é a garantia do recomeço honrado na derrota e do gozo sem arrogância ou corrupção na vitória.

Como prova do imprevisível destino das coisas sociais, o futebol não veio confirmar a dominação colonial. Pelo contrário, ele nos fez colonizadores e, mais que isso, filósofos por meio de toda uma literatura que a partir de Nelson Rodrigues, Jacinto de Thormes (Maneco Muller), José Lins do Rego e Armando Nogueira, entre outros, nos permitiu articular uma leitura positiva do mundo.

Literatura? Não seria um exagero? Digo que não e vou mais longe para acrescentar: o futebol criou, entre nós, uma filosofia e uma arte comparativa, irmã da Antropologia Social que é uma disciplina do olhar próximo ao lado do olhar distanciado, como ensina Lévi-Strauss. O exótico e o familiar – relativizados.

O seu maior papel foi, como disse algumas vezes, o de ensinar democracia. Foi revelar com todas as letras que não se ganha sempre e que o mundo é instável como uma bola. Perder e vencer, ensina o futebol, são parte de uma mesma moeda.

Nelson Rodrigues fala de jogos bíblicos, do mesmo modo que nos abre a uma metafísica quando associa jogos e craques a destinos fechados, ao afirmar que já no começo do mundo aquele gol seria perdido. Sua condenação da “objetividade burra” é uma crítica aguda ao senso comum hierarquizado e aristocrático que tenta tornar a própria vida oficial, possuída pelo Estado. Por outro lado, sua antropologia inaugura uma neoaristocracia nativa insonhável de negros e mestiços que deixam de ser híbridos enfermiços e passam – tal como ocorreu no jazz de uns Estados Unidos segregados – a ser príncipes, duques, condes e reis, apesar de nossos desejos inconfessáveis de fracasso. A sub-raça envenenada dos que queriam curar o Brasil tornou-se a meta-raça que, driblando os nossos subsociólogos – esses cartolas acadêmicos –, nos brindou com cinco Copas do Mundo. *A pátria em chuteiras* abria um novo espaço para esse futebol não branco, permitindo a países como o Brasil uma redefinição, inclusive muito mais abrangente e sem preconceitos de suas identidades nacionais.

Descobrimos o diálogo complexo e, sem dúvida absurdo, entre países, religiões e ideologias. Graças ao futebol, descobrimos que o elo entre dominantes e dominados não é estanque e congelado. Que toda novidade perturba e pode seguir para o isolamento ou para uma nova integração.

Parte I

HISTORIOGRAFIA, MEMÓRIA E GÊNERO

